

## A guerra de propaganda de Salazar Os correspondentes portugueses e a Guerra Civil de Espanha (1936-1939)

---

Alberto Pena Rodríguez

Universidade de Vigo

### *Resumo:*

A Guerra Civil de Espanha (1936-39) foi o acontecimento que mais correspondentes mobilizou na história da comunicação social portuguesa até àquela data. Tratou-se, no entanto, de uma participação altamente comprometida com um Estado Novo empenhado na defesa de Franco e da sua própria sobrevivência face às supostas ameaças do comunismo internacional. O papel dos mais de 30 jornalistas e fotógrafos portugueses enviados foi essencial na estratégia de propaganda do regime português, ao confirmar perante a opinião pública nacional, através de um discurso sensacionalista, afectivo e épico, as informações frias e pouco convincentes da rádio e dos encontros públicos. Foi também, ao contrário do que se lê na história oficial da ditadura franquista, uma das coberturas mais completas da Guerra Civil levadas a cabo por jornalistas estrangeiros, proeza que se deveu à situação de claro favorecimento dos jornalistas portugueses por parte das altas patentes franquistas e do próprio Franco.

### *Palavras-chave:*

Guerra Civil de Espanha; Jornalismo de guerra; Estado Novo; Propaganda; História do jornalismo português.

## 1. Introdução

Nunca um acontecimento havia mobilizado tantos jornalistas portugueses para o estrangeiro como a Guerra Civil de Espanha (1936-1939), que se tornaria num dos eventos da história da comunicação social portuguesa que mais impacto produziu na opinião pública.<sup>1</sup> Deslocaram-se a Espanha mais de trinta jornalistas e fotógrafos dos principais jornais portugueses, que trabalharam durante toda a guerra em território rebelde. A sua visão do conflito foi, desde logo, marcada por esse facto. Os maiores diários portugueses mantiveram,

nas diferentes fases do conflito e em múltiplos campos de batalha, um ou mais correspondentes ou enviados especiais, sempre na zona sublevada, a informar Portugal acerca do trágico destino dos espanhóis. Nenhum deles ignorava que fazia parte da engrenagem de uma estratégia de propaganda, urdida pelo Estado Novo de Salazar para apoiar Franco. O mote era que a Rússia tencionava invadir Espanha e Portugal. E a sua missão consistia em lutar pela liberdade da Península a partir das trincheiras do jornalismo.

O *Diário de Notícias* foi o jornal que mais meios mobilizou para o acompanhamento da guerra. Saneado economicamente, deu-se ao luxo de enviar para Espanha onze jornalistas e dois fotógrafos. Foram eles: José Augusto, Mário Rosa, Aprígio Mafra, Mário Pires, Mário Lyster Franco, Armando Boaventura, Oldemiro César, Armando de Aguiar, Urbano Rodrigues, Maurício de Oliveira e “Losil”, além dos gráficos Teodoro Medel de Aquino, Firmino Marques da Costa e Ferreira da Cunha. O *Século* deslocou Leopoldo Nunes, Tomé Vieira, José Barão, Amadeu de Freitas e Arturo Ferreira da Costa.<sup>2</sup> O *Diário de Lisboa* fez a cobertura do conflito com Artur Portela, Norberto Lopes, Félix Correia, Mário Neves e Rogério Pérez, além dos fotógrafos Deniz Salgado e Afonso Pereira de Carvalho. José M<sup>a</sup> da Costa Júnior e Jorge Simões representaram o *Diário da Manhã*; Eduardo dos Santos (“Edurisa”) e Emilio Sari o *Comércio do Porto*; César dos Santos o *Jornal de Notícias* e Lopes Vieira o *Primeiro de Janeiro*. Carlos de Ornelas escreveu várias crónicas para *A Voz*, Vieira Pinto efectuou diversas reportagens para *A Noite*, de Lisboa e Eduardo Freitas da Costa recolheu algumas impressões numa viagem pela Espanha rebelde para o semanário *Acção*.

A decisão soberana de enviar este ou aquele jornalista para Espanha cabia, em última instância, ao Secretariado de Propaganda Nacional, mediante as propostas dos diversos órgãos de comunicação social, que além disso precisavam de um salvoconduto da Representação da Junta de Burgos em Lisboa.<sup>3</sup> Havia, evidentemente, demasiadas coisas em jogo para que o governo português se permitisse o descuido de deixar um jornalista sem o perfil devidamente moldado à ideologia do Estado Novo passar a fronteira e escrever a partir de Espanha em absoluta liberdade. O papel dos correspondentes portugueses estava longe de ser insignificante. Eles formavam parte da engrenagem propagandística da imprensa portuguesa e podemos considerar a sua função como essencial. As suas crónicas representavam a componente sensacional e testemunhal dos acontecimentos. Eles eram os notários de uma realidade que, para aqueles que seguiam as notícias pela rádio ou assistiam aos encontros públicos em Portugal, podia parecer fantasiosa ou difícil de aceitar. Os correspondentes trouxeram a tragédia espanhola para o interior da sociedade portuguesa através de descrições subjectivas que apresentavam os lealistas como carrascos e os rebeldes como vítimas. As informações de agência e as

diatribes dos intelectuais salazaristas eram demasiado frias ou comprometidas. Pelo contrário, os relatos sensacionalistas dos jornalistas portugueses e as entrevistas aos líderes dos revoltosos, eivados de rasgos propagandísticos que afastavam os leitores de uma interpretação correcta, constituíam uma mensagem forte para as consciências portuguesas. A maioria dos correspondentes portugueses mostraram ser acérrimos defensores do salazarismo e, conseqüentemente, firmes apoiantes do franquismo. Eram testemunhas fiéis, excelentes intérpretes do ideário fascista da Falange Espanhola. Glorificavam as vitórias dos rebeldes e enalteciam os seus comunicados; destacavam a obra social de Franco enquanto o identificavam com a *verdadeira* Espanha...

Os ataques dos revoltosos, para a maioria dos jornalistas portugueses, não são mais do que operações de *pacificação* em zonas sob domínio da “barbárie vermelha”, que deixa atrás de si um rasto de morte. A crueldade está sempre do lado dos lealistas que, em defesa do governo legítimo, se encontram tomados por sentimentos de ódio e vingança. Enquanto os rebeldes são caracterizados como pessoas muito humanas, sensíveis e com grande sentido de justiça, os republicanos são irracionais por natureza. São representados como “monstros”, “feras”, “cobardes”, “malvados”, “assassinos”, “moscovitas”, “canalhas”, “analfabetos”, “selvagens”, “inumanos”, “ignorantes”... Por sua vez, os franquistas são, aos olhos dos informadores portugueses, “valentes”, “patriotas”, “salvadores”, “justos”, “sensíveis”, “humanos”, “heróis”, “vítimas”, “mártires”, “cristãos”, “respeitosos”, etc. E, enquanto os primeiros fogem, entram em pânico, traem e matam sem compaixão, os segundos lutam ardentemente, combatem até à morte, *pacificam*, dominam, libertam. Os “comunistas” formam “comités”, organizam-se em “hordas” e fazem propaganda comunista. Os sublevados, em contrapartida, constituem um exército, não precisam de convencer porque estão na posse da Verdade e, à sua passagem, toda a gente os respeita e encoraja.

Na sua estratégia mistificadora, os correspondentes portugueses idolatram e revestem de um sentido religioso a rebelião franquista. Descrevem as acções rebeldes com uma linguagem carregada de símbolos onde predominam os elementos divinos. Valores absolutos como a Paz, a Verdade, a Justiça e o Espírito Cristão são atribuídos aos soldados revoltosos, conferindo à sua luta um carácter semi-divino que transforma o golpe de 18 de Julho de 1936 numa autêntica cruzada contra o governo democrático espanhol. Tudo, afinal, para conseguir fazer do Caudilho e do seu bando um mito indestrutível face à anti-Espanha nascida da IIª República. Neste sentido, o ideal de Pátria converter-se-á no grande ideal da defesa nacional-franquista, conotada com um messianismo que converte os “vermelhos” em indivíduos animalizados e os falangistas em pessoas dispostas a morrer pela Espanha. Sobre os alicerces da simbologia

propagandística que sustenta esse ideal patriótico, os jornalistas portugueses enviados para a zona rebelde seguem, essencialmente, três directrizes: a defesa do cristianismo e a da latinidade face a tudo o que é externo;<sup>4</sup> a protecção do património artístico e arquitectónico nacional espanhol;<sup>5</sup> e o instinto protecção dos rebeldes face à população civil.<sup>6</sup>

## 2. A disciplina da propaganda

Apesar deste pendor ideológico, a cobertura da Guerra Civil pelos jornalistas portugueses foi uma das mais completas de entre todas as realizadas por jornalistas estrangeiros.<sup>7</sup> O seu trabalho concentrou-se mais no período de Julho a Dezembro de 1936, embora até ao fim da guerra se tenham mantido no país correspondentes portugueses, acompanhando as mais importantes batalhas. Além de estarem presentes nos momentos transcendentais, da conquista de Badajoz ou Toledo às batalhas de Teruel e Barcelona, percorreram incontáveis lugares da retaguarda dos rebeldes, marcando presença até em Marrocos. Por outro lado, este trabalho teve um efeito propagandístico ainda maior com a publicação de uma vintena de obras baseadas na recolha das experiências jornalísticas da guerra e que tiveram, nalguns casos, várias edições em Espanha, Portugal e Brasil.<sup>8</sup> Uma difusão bibliográfica que contou com o apoio do Estado e da Parceria Pereira, editora lisboeta que publicou numerosos livros dos correspondentes portugueses em Espanha.

Varela Gomes é implacável ao afirmar que os correspondentes portugueses informaram sobre a guerra através de um estilo ridículo e indigno.<sup>9</sup> Ainda que não lhe falte razão, se compararmos o jornalismo moderno e ágil dos correspondentes norte-americanos com as descrições viciadas e grosseiras de alguns informadores portugueses, cremos que as suas palavras são também reflexo do ressentimento face a um regime que amordaçou os profissionais da comunicação social portuguesa e que, naquele tempo, os obrigou a exercer a profissão mostrando apenas um dos lados do conflito. A sua forma de fazer jornalismo era inseparável, em muitos casos, da sua condição de propagandistas e, noutros, levava a marca da censura. Não se pode emitir juízos sobre a qualidade jornalística das crónicas dos correspondentes portugueses sem ter em conta este facto. A opinião retrospectiva do correspondente Norberto Lopes, à época chefe de redacção do *Diário de Lisboa*, coincide com a de Varela Gomes, quando afirma que a atitude da imprensa portuguesa não foi “brilhante nem digna”.<sup>10</sup> Mas precisa também que “(...) a informação, diga-se em abono da verdade, foi tão objectiva e neutral quanto possível, mas nunca desfavorável às tropas rebeldes (...)”.<sup>11</sup> Através do carácter tendencioso das considerações ideológicas do *Diário da Manhã*, podemos conhecer melhor a importância e o zelo atribuídos

pelo governo português ao papel propagandístico dos correspondentes, salientados por António Ferro, director do Secretariado Nacional de Propaganda Nacional (SPN):

“(…) Os jornalistas portugueses enviados para a frente de batalha têm-se desempenhado da sua missão com escrupulo, zelo, inteligência e patriotismo, que os deviam impor ao respeito de todos. E, fazendo esta afirmação terminante, não distinguimos os delegados dêste jornal dos de quaisquer outros, porquanto todos êles têm sabido honrar a sua profissão e demonstrado exuberantemente que, não sacrificando jamais, conscientemente, a verdade, se têm desempenhado da sua difícilíssima tarefa com os olhos fitos na sua Pátria, ao mesmo tempo que têm provado possuir qualidades e as faculdades necessárias para si próprios e libertos de quaisquer tutelas, corresponder à confiança que neles se depositou”.<sup>12</sup>

O embaixador Nicolás Franco manifestava à chegada a Lisboa, em Maio de 1938, a sua admiração pelos correspondentes portugueses, de quem se sentia orgulhoso como espanhol (sic), porque haviam sabido desempenhar a sua “missão”.<sup>13</sup> Na verdade, fôra uma tarefa encomendada pelo Estado Novo, que se sobrepôs aos princípios mais elementares do bom jornalismo. Não é de estranhar que tenha sido reconhecida pelo governo de Salazar e pelas suas estruturas corporativas. Quando as tropas do general Varela entraram na Cidade Universitária de Madrid, no início de Novembro do primeiro ano de guerra, acompanhado de alguns intrépidos jornalistas portugueses, o Sindicato dos Jornalistas emitiu um comunicado de reconhecimento público aos profissionais que se deslocaram a Espanha, “(...) pelo alto espírito profissional demonstrado nas difíceis condições do momento, defendendo e honrando, com o maior brilhantismo, a categoria do jornalismo português (...)”.<sup>14</sup> Também o Rotary Club de Lisboa se pronunciou no mesmo sentido, em Março de 1937. O presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do *Diário de Notícias*, Adolfo Andrade, proferiu uma conferência no clube lisboeta, na qual enalteceu o labor jornalístico dos correspondentes nacionais:

“(…) É ver com quanta abnegação e espírito de sacrificio partem, no momento oportuno, para as missões mais arriscadas, não se poupando a sacrificio de nenhuma ordem, a fim de porem o seu jornal (sic) em condições de prestar as melhores e mais sensacionais informações ao público! A actuação recente, nas zonas de guerra de Espanha, de brilhantes profissionais como Aprígio Mafra, Artur Portela, Leopoldo Nunes, Norberto Lopes, José Augusto, Amadeu de Freitas, Felix Correia, Oldemiro César e tantos mais,

cuja omissão involuntária não representa menor admiração pelo seu esforço, marca uma página na história do jornalismo, que indiscutivelmente honra e nobilita sobremaneira a Imprensa portuguesa (...).<sup>15</sup>

Adolfo Andrade centrou-se em especial nas “excepcionais qualidades” do chefe de redacção do seu jornal, Armando Boaventura, que esteve por diversas ocasiões na zona facciosa a escrever crónicas de guerra acerca do ambiente na rectaguarda e realizando entrevistas aos mais destacados líderes rebeldes. Assinala, nomeadamente, que “(...) as recentes entrevistas com Hitler e o generalíssimo Franco, que conquistou de entre uma legião de jornalistas especialmente categorizados da grande imprensa mundial, consagram Armando Boaventura como profissional de primeiro plano, cuja obra não teme confronto com a de outros nomes do jornalismo internacional (...)”.<sup>16</sup> No entanto, o proprietário do *Diário de Notícias* não esquece as críticas destinadas aos profissionais que escrevem sobre a Guerra Civil. “(...) Censuras e críticas quase sempre imerecidas, quando não profundamente injustas! (...)”, assegurava.<sup>17</sup> O Rotary Club, a que presidia José Maria Álvares, também não partilhava dessas críticas e no dia 6 de Abril de 1937 organizou um jantar de confraternização entre sócios e correspondentes.<sup>18</sup>

Félix Correia exprimiu o mesmo sentimento de justificação perante a opinião pública portuguesa, estupefacta com tanto crime por parte dos lealistas e tanta bondade por parte dos rebeldes. Pede aos seus leitores que reajam à “história negra” que mede pela mesma bitola ambos os contendores. Para ele, criminosos são apenas os que se definem como “marxistas”; os outros não o são.<sup>19</sup> Os opositores do Estado Novo, porém, não deram muito crédito aos esclarecimentos dos correspondentes de guerra. Alguns foram perseguidos e ameaçados pela sua interpretação parcial do conflito. Oldemiro César, do *Diário de Notícias*, que acompanhou o avanço do exército rebelde no norte de Espanha de Agosto a Outubro de 1936, testemunha que, enquanto narrava o conflito nas montanhas das Astúrias, recebeu cartas anónimas de detractores com insultos e ameaças de morte. Acusavam-no, nomeadamente, de se vender à causa franquista e de enriquecer à custa da guerra.<sup>20</sup> Oldemiro César acusou os *revirahistas* que procuravam derrubar a ditadura em Portugal de serem os verdadeiros conspiradores contra os correspondentes. Indignado, César declara, no prefácio do seu livro de reportagens, que nunca havia suportado “(...) o peso de cangas partidárias em vinte e tantos anos de trabalhos forçados nas galés do jornalismo, tão pobre hoje como no primeiro dia em que nelas empunhei o remo (...)”.<sup>21</sup> De seguida, rechaça as críticas auto-elogiando o seu espírito de sacrifício, profissionalismo e dedicação, que se tornam patentes, seguindo ele, quando aceita a proposta do seu jornal para se deslocar a Espanha: “(...) em circunstâncias

bem dolorosas para mim, deixando a minha mulher no leito duro de um hospital para submeter-se a uma intervenção cirúrgica de gravidade (...).<sup>22</sup>

A popularidade alcançada pelos correspondentes portugueses e a influência dos seus escritos justificam o ódio dos opositores ao regime, conscientes da farsa propagandística que se escondia atrás do trabalho jornalístico. A parcialidade dos jornalistas portugueses era tão evidente que o próprio Leopoldo Nunes não hesitou em reconhecer, numa das suas informações sobre a “limpeza” rebelde entre os mineiros de Riotinto, em Huelva, a sua colaboração com os militares insurrectos. Numa acção ousada, o jornalista cruzou as trincheiras rebeldes e passou para a frente lealista. Uma vez do lado republicano, estabeleceu contacto com os mineiros que resistiam às investidas de Queipo de Llano em Jaramar. Entre eles encontrava-se um português que, no seu dizer, não era simpatizante dos lealistas, mas um simples prisioneiro. Paradoxalmente, aquele “prisioneiro” protege-o face à exigência de alguns elementos de obrigar Leopoldo Nunes a identificar-se perante o comité. “(...) O português disse qualquer coisa mais alto e arranjou-se tudo (...)”, refere o correspondente. O seu discurso propagandístico transformou um camponês alinhado com os “marxistas” numa pessoa com bom senso e autoridade suficientes para se impor a uma “turba de criminosos”, apesar da sua suposta condição de prisioneiro. Depois de sair daquela difícil situação, Nunes utilizará as informações recolhidas no território em poder dos mineiros para pôr o general Queipo de Llano a par da posição, número e armamento ao dispor dos resistentes: “(...) Quando cheguei a Sevilha e contei ao general o que tinha feito ouvi uma censura justa. Praticara uma temeridade estúpida. Mas eu insistia: - são muitos. Têm abundantes meios de defesa e de ataque. Pode haver uma surpresa. - Bah! - respondia-me o general a rir. Quando eu quiser; quando chegar o momento oportuno, há-de ver como se rendem. Só sabem matar velhos, mulheres e crianças; e roubam tudo o que podem (...)”, escreve o jornalista do *Diário de Notícias*.<sup>23</sup> Mas o facciosismo de Leopoldo Nunes é mais evidente ainda durante a campanha publicitária para a divulgação do seu livro *Madrid trágica. Dos primeiros tiros à derrocada final*. Nos cartazes publicitários surge de braço estendido em saudação fascista e junto a um texto que volta a reforçar a nossa conclusão:

LEOPOLDO NUNES AFIRMA: que não foi movido por ódio ou vingança que escreveu o seu livro MADRID TRÁGICA. Tem apenas a preocupação de documentar uma das mais horrorosas tragédias de todos os tempos. Tão monstruosos, tão horríveis foram, porém, os factos que recolheu, que, em vez dum livro de impressões organizou um tremendo libelo acusatório, para amarrar à ignomínia dos pseudo-idealistas que do crime à deshonra e à traição à sua pátria juntaram as suas vaidades e desejos inconfessáveis.

MADRID TRÁGICA será o ferrete com que ficarão marcados esses milicianos sedentos de sangue, que entregaram a Espanha ao internacionalismo vermelho, que é o mesmo que dizer à escória renegada e expulsa dos países civilizados. Não fez, portanto, política, mas não teve receio de dizer a verdade. MADRID TRÁGICA, nas suas 332 páginas, é o espelho fiel da vida miserável e sinistra a que as hostes acanhaladas do banditismo vermelho condenaram a capital de Espanha”.<sup>24</sup>

### 3. Franco e os jornalistas portugueses. Alguns episódios da guerra

A maior parte dos correspondentes não foram alheios à campanha de propaganda do seu governo destinada a favorecer as ambições militares e políticas dos franquistas, ora enaltecendo as vitórias dos rebeldes, ora confirmando ou desmentindo informações dos meios de comunicação dos lealistas. A guerra espanhola não dizia respeito somente a Espanha. Na cruzada contra a “barbárie comunista”, Portugal devia prestar todo o auxílio possível, ou não estivesse em causa a sua própria integridade territorial. Isso mesmo disse o general Franco a Félix Correia, no dia 8 de Agosto de 1936, na primeira entrevista a um meio de comunicação social após o golpe, publicada no *Diário de Lisboa* a 10 de Agosto.<sup>25</sup> E o jornalista estava plenamente de acordo com a afirmação do Caudilho.<sup>26</sup> O “furo” do correspondente do *Diário de Lisboa* teve uma repercussão mundial. A predilecção das autoridades fascistas pelos jornalistas portugueses revela-se quando, no início da entrevista, o Generalíssimo exprime a Félix Correia o seu prazer por falar com um jornalista do país vizinho e apresenta-lhe mesmo as desculpas por não ter concedido a entrevista mais cedo.<sup>27</sup> A “primeira mensagem histórica de Franco à opinião mundial”, como anunciava o *Diário de Lisboa* na capa,<sup>28</sup> também foi difundida em Inglaterra na edição de domingo do *News of the World*. O feito foi tão sensacional que o *National Newspaper Services* londrino, incapaz de entrar em contacto com Franco, tentou contratar Félix Correia para uma nova entrevista, em exclusivo, com o líder rebelde. Segundo ele, a publicação inglesa enviou uma carta ao editor do *Diário de Lisboa* a 19 de Abril de 1937, na qual propunha um negócio chorudo ao famoso Félix Correia.<sup>29</sup> O pedido do *National Newspaper* incluía uma gratificação de 10.000 libras para o próprio Franco se este se viesse a tornar Chefe de Estado e de 5.000 libras mais despesas de alojamento caso fosse derrotado e tivesse que fugir de Espanha. Félix Correia, por seu lado, se aceitasse a proposta e conseguisse a entrevista, receberia 1.000 libras na primeira hipótese e 500 na segunda.<sup>30</sup> O jornalista recusou a proposta. Mas a sua entrevista não foi a única de jornalistas portugueses a alcançar notoriedade internacional. Em 31 de Dezembro de 1936, Armando Boaventura publicava outra entrevista com o

general Franco.<sup>31</sup> Para conseguir o histórico encontro, o chefe de redacção do *Diário de Notícias* contou com a mediação e a influência do director do SPN, António Ferro.<sup>32</sup> Ao começar a responder, o Caudilho sublinha o carácter excepcional da entrevista. “Por ser português e pela sua acção jornalística em prol da causa de Espanha, não de agora, mas de antes do nosso Movimento”, adianta Franco.<sup>33</sup> Depois de deixar o *Diário de Notícias*, Armando Boaventura conseguiria ainda uma nova entrevista com o Chefe de Estado rebelde, publicada a 29 de Maio de 1938 no *Século* e ilustrada na capa com uma fotografia do correspondente lado a lado com o Caudilho.<sup>34</sup> Mais jornalistas portugueses tiveram o privilégio de manter com Franco conversas informais, em tom amistoso, nas quais ele se referia elogiosamente a Salazar e ao Estado Novo. “(...) Ao general interessa a experiência corporativa de Portugal. Adivinha-se o calor que nos destaca da Itália e da Alemanha...”, escreve José Augusto, em crónica de 9 de Agosto de 1936, após mais uma entrevista com o general.<sup>35</sup> Mas se este estava ao alcance dos correspondentes portugueses, muitos dos seus inferiores hierárquicos também o estavam.<sup>36</sup> Chefes militares como Queipo de Llano, Castejón, Yagüe, Martínez Anido ou Miguel Cabanelas, entre outros, concederam numerosas entrevistas à imprensa portuguesa. Queipo, por exemplo, recebeu Félix Correia mal este chegou a Sevilha,<sup>37</sup> a 6 de Agosto de 1936. No dia seguinte falou através da *Radio Sevilla*.<sup>38</sup> José Augusto, por sua vez, entrevistou o general Varela a 22 de Agosto de 1936<sup>39</sup> e Luis Orgaz Yoldi a 8 de Setembro.<sup>40</sup> Artur Portela publicou entrevistas com os generais facciosos Doval,<sup>41</sup> Cabanellas,<sup>42</sup> Ponte,<sup>43</sup> Mola,<sup>44</sup> Queipo de Llano,<sup>45</sup> Millán Astray,<sup>46</sup> etc. Os oficiais e soldados rebeldes mostraram em todos os momentos uma grande receptividade. Atitudes de simpatia em relação aos jornalistas portugueses eram habituais, como testemunha León Tomé Vieira num dos seus trabalhos: “(...) O correio vai partir. É noite. Antes de terminar, porém, quero referir-me à manifestação que o público, que se encontra no “café”, onde escrevo, fêz a Portugal, ao saber que estavam aqui jornalistas portugueses. Foi uma surpresa. Tocaram o hino falangista e a “Portuguesa”. De pé, toda a gente deu “vivas” a Portugal. E os portugueses agradeceram com um “Arriba Espanha”.”<sup>47</sup>

É evidente que os correspondentes portugueses contaram, desde o início da guerra, com muitas facilidades de que não dispuseram jornalistas de outros países. Além das entrevistas, reproduziam nos seus jornais documentos que por vezes lhes eram cedidos em exclusivo pelas autoridades rebeldes, como foi o caso da carta enviada pelo general Franco, pouco antes da revolta, ao ministro da Guerra Santiago Casares Quiroga, na qual expressava o mal-estar existente no exército em relação à situação política e social do país.<sup>48</sup> Os correspondentes portugueses gozavam também de uma grande liberdade de movimentos. O Serviço de Imprensa de Luis Bolín, com sede em Sevilha,<sup>49</sup>

que tinha por função controlar a actividade dos jornalistas estrangeiros na zona sublevada, fazia vista grossa em relação aos portugueses. Estes não só estiveram presentes nos campos de batalha, como foram testemunhas exclusivas de muitas das “façanhas” dos rebeldes. Há muitos exemplos destas ajudas aos jornalistas portugueses, sempre no sentido de lhes assegurar um trabalho livre de obstáculos e o mais célere possível. Quando a guerra estava nas primeiras semanas e conseguir um automóvel para ir à meseta era um luxo, Bolín pôs à disposição de Artur Portela um automóvel adornado com a bandeira portuguesa, advertindo-o apenas que não dissesse nada aos outros jornalistas estrangeiros.<sup>50</sup> Graças a ele, Portela foi o primeiro jornalista a chegar a Talavera de la Reina e o único a conseguir relatar a conquista da localidade pelos revoltosos, no início de Setembro de 1936.<sup>51</sup> O relato mostra a violência empregue pelos rebeldes nas suas acções de conquista. Numa crónica intitulada “Como foi tomada Talavera”, por exemplo, Artur Portela descreve com naturalidade, como algo consubstancial à guerra, algumas acções de extrema violência. A entrada da cidade é descrita como uma alameda de mortos: “(...) Ao lado das bermas da estrada, em posições dramáticas, vêem-se duas filas de cadáveres. Uns morreram no último combate, outros após. Para que a putrefacção não se desenvolvesse, os corpos foram regados com gasolina e queimados depois. Mas o cheiro atroz anda no ar, com gangrena solta. Há que aliviar a visão e subjugar o arrepio nervoso. É a guerra com todos os seus horrores (...)”.<sup>52</sup> Noutra reportagem, intitulada “Os mortos das carreteras”, realizada ao longo do trajecto entre Talavera e Toledo, repete o testemunho sentido, dizendo metaforicamente que tinha os olhos “encharcados de sangue”.<sup>53</sup> Estas crónicas, ignoradas pela história da repressão fascista em Espanha, demonstram, mais uma vez, a dureza empregue pela coluna de mouros e legionários do general Yagüe, que semanas antes havia literalmente arrasado Badajoz.

Artur Portela não foi ajudado apenas por Bolín nas suas estadas em Espanha. Em Tetuan, o correspondente do *Diário de Lisboa* também teve ao dispor um automóvel oficial para se deslocar nos territórios dominados pelos rebeldes em Marrocos. Em Larache, o Estado Maior da Falange Espanhola chegou mesmo a fazer Portela desfilar perante as suas várias unidades, como se se tratasse de uma ilustre personalidade.<sup>54</sup> A circunstância reavivou a veia patriótica do jornalista: “(...) Não é um português que está ali, mas Portugal que em acaso de reportagem me obriga a representar conforme posso. Confesso que nunca me julguei Napoleão, mas sou bastante patriota para me sentir português! (...)”, escreve.<sup>55</sup> José Augusto dispôs de idêntica liberdade de movimentos, ao contar com um automóvel e escolta pessoal nas suas deslocações pela Andaluzia.<sup>56</sup>

Com estas facilidades, os correspondentes portugueses estiveram um pouco por todo o lado. Desde que se iniciou o *Alzamiento*, acompanharam o avanço

das tropas nas várias frentes e rara foi a batalha importante que não fosse presenciada por um jornalista português. A conquista da ala ocidental da Andaluzia foi coberta por José Augusto, Leopoldo Nunes, Félix Correia e Costa Júnior, que acompanharam o evoluir das tropas de Yagüe até Mérida e Talavera de la Reina. Em meados de Agosto de 1936, em Badajoz, os enviados especiais Mário Neves, Mário Pires, Jorge Simões, José Barão e o fotógrafo Ferreira da Cunha anteciparam-se àqueles quatro jornalistas e assistiram à entrada das tropas rebeldes na cidade. Urbano Rodrigues, Artur Portela e José Augusto foram para Tânger e para as colónias espanholas do Norte de África. Tomé Vieira escreveu a partir da retaguarda de Castela e Leão. Maurício de Oliveira especializou-se nas crónicas navais dos combates entre as duas esquadras, etc. Seja como for, seria injusto não fazer distinções. Nem todos demonstraram especiais qualidades jornalísticas, nem todos defenderam os rebeldes com a mesma paixão, não revelaram todos a mesma capacidade de trabalho nas suas viagens pela Espanha sublevada, não estiveram na zona de guerra por períodos de tempo iguais. Se uns actuaram com grande dinamismo e profissionalismo, assumindo riscos e suportando as angústias, outros foram mais discretos e precavidos. Mas todos perceberam perfeitamente as motivações ideológicas por detrás daquela guerra e sabiam que as suas informações podiam servir a propaganda de um e outro lado.

#### 4. Conclusões

O papel desempenhado pelos jornalistas portugueses, relatores de uma realidade distorcida e, na sua maioria, *mercenários* de uma propaganda ignóbil contra os defensores da II<sup>a</sup> República espanhola, foi suficientemente relevante para que possamos considerá-los como agentes de uma campanha internacional de apoio ao franquismo. Eles realizaram, provavelmente, a cobertura mais completa da guerra de entre todos os jornalistas estrangeiros presentes em Espanha. Enviaram as suas crónicas a partir das múltiplas frentes da batalha, fazendo sempre interpretações parciais do conflito a favor dos rebeldes, de acordo com as directrizes fornecidas pelo governo do Estado Novo através do Secretariado de Propaganda Nacional.

#### Notas:

<sup>1</sup> Para um conhecimento detalhado do papel de Portugal na Guerra Civil de Espanha, podem consultar-se, entre outras, as seguintes obras de diversos autores, entre os quais o autor deste texto: Oliveira, César, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, O Jornal, 2<sup>a</sup> edição, 1987; Delgado, Iva, *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Publicações Europa-América, s/d (1980); Pena Rodríguez, Alberto, *El Gran Aliado de Franco. Portugal*

y la Guerra Civil española: prensa, radio, cine y propaganda, Sada-A Coruña, Edición do Castro, 1998; idem, *Galicia, Franco y Salazar. El intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*, Vigo, Servicio de Publicacións da Universidade, 1999; idem, *La propaganda franquista en Portugal y la Guerra Civil española (1936-1939)*, Santiago de Compostela, Grafino, 1999.

<sup>2</sup> César Oliveira aponta Adelino Mendes como um dos correspondentes de *O Século* em Espanha. Na nossa análise do jornal não encontramos nenhuma referência a este jornalista. Cf: Oliveira, César, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, O Jornal, 2ª edição, 1987, p.210.

<sup>3</sup> Cf.: AMAE (Archivo del Ministerio de Asuntos Exteriores), R-1111, expediente nº 5, telegrama nº 213. Do Chefe do Gabinete Diplomático do governo de Burgos a Mariano Amoedo, 24/10/1936. Ou também: AMAE, R-1111, expediente nº 6, telegrama nº 35. Do Chefe da *Falange Española* em Lisboa ao *Delegado de Prensa y Propaganda*, 05/01/1938. Também cf.: Gomes, Varela, *Guerra de Espanha. Achegas ao redor da participação portuguesa*, Lisboa, Versus, 1987, p. 206.

<sup>4</sup> Veja-se, por exemplo, Santos, Eduardo dos, *A rota de guerra do norte de Espanha*, Porto, Livraria Civilização, pp. 55, 88, 152, 159.

<sup>5</sup> Idem, pp. 171-172.

<sup>6</sup> Idem, p. 165.

<sup>7</sup> Chegámos a esta conclusão depois de consultar a bibliografia existente sobre este aspecto da guerra e de confrontar o trabalho de jornalistas de outros países aí analisado com o dos jornalistas portugueses. O livro antológico de José Mario Armero (*España fue noticia. Corresponsales extranjeros en la Guerra Civil española*, Madrid, Sedmay Ediciones, 1976) concede um grande protagonismo aos correspondentes franceses, norte-americanos e soviéticos. As referências aos correspondentes portugueses, em contrapartida, são puramente anedóticas. Acresce que, quanto ao número de correspondentes, o autor comete, em relação aos jornalistas portugueses, alguns erros desculpáveis, ao tomar por jornalistas articulistas como o médico Alberto Madureira, o cineasta Aníbal Contreiras ou o fotógrafo Diniz Salgado.

<sup>8</sup> A relação de livros (nas suas edições portuguesas) dos correspondentes portugueses que encontramos ao longo da nossa investigação é a seguinte: Augusto, José, *Jornal de um correspondente de Guerra em Espanha. Crónicas de reportagem*, Lisboa, Empresa Nacional Editora, 1936; Oldemiro, César, *A guerra, aquele monstro... Dois meses nas Astúrias entre soldados galegos*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937; Oliveira, Maurício, *A tragédia espanhola no mar*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1936; Idem, *As duas Espanhas no mar*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937; Idem, *Marinheiros de Espanha em guerra*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937; Idem, *Águas de Espanha. Zona de guerra*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1938; Boaventura, Armando, *Madrid-Moscovo. Da ditadura da IIª República à Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937; Idem, *O Milagro de Toledo* (folheto editado por Álvaro Teixeira também em espanhol, italiano e alemão), Lisboa, Tipografia Silvas, s/d (1936); Rodrigues, Urbano, *Jornadas de uma corte marroquina*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1937; Nunes, Leopoldo, *A Guerra de Espanha. Dois meses de reportagem nas frentes da Andaluzia e da Estremadura*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1936; Idem,

*Madrid Trágica. Dos primeiros tiros à derrocada final*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1937; Idem, *Um drama na legião. Novela de amor e de aventuras no Tercio*, Lisboa, edição do autor, 1938; Correia, Félix, *Quem vem lá? Gente de Paz! Gente de guerra!*, Lisboa, edição do autor, 1940; Vieira, Tomé, *Espanha. Prólogo da guerra futura*, Porto, Livraria Civilização, 1937; Idem, *5 meses em Espanha e 5 dias em Portugal*, Lisboa, Editorial Império, 1937; Portela, Artur, *Nas Trincheiras de Espanha*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937; Pérez, Rogério, *Franco*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1940; Júnior, José M<sup>º</sup> da Costa, *A Espanha sob o Terror Vermelho*, Porto, edição do autor, 1937; Santos, Eduardo dos (“Edurisa”), *A rota de guerra no norte de Espanha*, Porto, Livraria Civilização, 1938; Neves, Mário, *A chacina de Badajoz; relato de uma testemunha de um dos episódios mais trágicos da Guerra Civil de Espanha (agosto-1936)*, Lisboa, O Jornal, 1986.

<sup>9</sup> Cf.: Gomes, Varela, op. cit., p. 207.

<sup>10</sup> Cf.: Diário de Notícias, 06/07/1986, p. 20.

<sup>11</sup> Cf.: Idem, Ibidem.

<sup>12</sup> *Diário da Manhã* nº 2002, 13/11/1936, p. 1.

<sup>13</sup> Cf.: Idem, nº 2528, 08/05/1938, p. 1.

<sup>14</sup> *Diário de Lisboa* nº 5033, 20/11/1936, p. 14.

<sup>15</sup> *Diário de Notícias* nº 25549, 24/03/1937, p. 1.

<sup>16</sup> Idem, pp. 1 e 2.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Cf.: *Diário de Notícias* nº 25563, 07/04/1937, p. 2. Ao jantar compareceram 50 sócios do Rotary Club e os seguintes jornalistas que haviam trabalhado em Espanha: Armando Boaventura, Oldemiro César e Aprígio Mafra, do *Diário de Notícias*; Norberto Lopes, Félix Correia e Artur Portela, do *Diário de Lisboa*; Leopoldo Nunes e Tomé Vieira de *O Século* e José M<sup>º</sup> da Costa Júnior do *Diário da Manhã*. Alguns correspondentes não puderam comparecer precisamente por se encontrarem em serviço por terras de Espanha.

<sup>19</sup> Cf.: Correia, Félix, op. cit., pp. 91-94.

<sup>20</sup> Cf.: César, Oldemiro, *A guerra, aquele monstro... Dois meses nas Astúrias entre soldados galegos*, op. cit., pp. 10-14.

<sup>21</sup> Idem, p. 13.

<sup>22</sup> Idem, p. 14.

<sup>23</sup> Nunes, Leopoldo, *A Guerra de Espanha. Dois meses de reportagem nas frentes de Andaluzia e Estremadura*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1936, p. 139.

<sup>24</sup> *O Século*, nº 19813, 15/05/1937, p. 6.

<sup>25</sup> Cf.: Correia, Félix, op. Cit. p. 23; *Diário de Lisboa*, nº 4932, 10/08/1936, pp. 10 e 11.

<sup>26</sup> Cf.: Idem, p. 51.

<sup>27</sup> Cf.: Idem, pp. 15-16.

<sup>28</sup> *Diário de Lisboa*, nº 6232, 30/03/1940, p. 1.

<sup>29</sup> Cf.: Idem, p. 81.

<sup>30</sup> Idem, Ibidem.

<sup>31</sup> Cf.: *Diário de Notícias*, nº 25469, 31/12/1936, pp. 1 e 5. Também cf.: Boaventura, Armando, *Madrid-Moscovo. Da ditadura à República e à Guerra Civil*, op. cit., pp. 197-224.

<sup>32</sup> Cf.: Boaventura, Armando, *Madrid-Moscovo...*, p. 203.

<sup>33</sup> Cf.: *Diário de Notícias*, nº 25469, 31/12/1936, p. 1.

<sup>34</sup> Cf.: *O Século*, nº 20171, 29/05/1938, p. 1.

<sup>35</sup> Cf.: *Diário de Notícias*, nº 25329, 10/10/1936, p. 1. Ou também: Augusto, José, op. cit., p. 21. Encontramos outras referências de correspondentes portugueses a encontros com o general em Vieira, Tomé, *Espanha. Prólogo da guerra futura*, op. cit., pp. 155-163; Nunes, Leopoldo, *A Guerra de Espanha. Dois meses de reportagem nas frentes de Andaluzia e da Estremadura*, op. Cit., pp. 90-91.

<sup>36</sup> Cf.: Portela, Artur, op. cit., p. 87.

<sup>37</sup> Cf.: *Diário de Lisboa*, nº 4929, 07/08/1936, p. 4.

<sup>38</sup> Cf.: Idem, nº 4930, 08/08/1936, p. 5.

<sup>39</sup> Cf.: *Diário de Notícias*, nº 25341, 22/08/1936, p. 4.

<sup>40</sup> Cf.: Idem, nº 25358, 08/09/1936, p. 7.

<sup>41</sup> Cf.: *Diário de Lisboa*, nº 4927, 05/08/1936, p. 4.

<sup>42</sup> Cf.: Idem, nº 4935, 13/08/1936, p. 4.

<sup>43</sup> Cf.: Idem, nº 4938, 16/08/1936, p. 4.

<sup>44</sup> Cf.: Idem, nº 4939, 17/08/1936, p. 1.

<sup>45</sup> Cf.: Portela, Artur, op. cit., pp. 174-180.

<sup>46</sup> Cf.: *Diário de Lisboa*, nº 4979, 26/09/1936, p. 4.

<sup>47</sup> Vieira, Tomé, op. cit., p. 186.

<sup>48</sup> Cf.: Augusto, José, op. cit., pp. 22-25.

<sup>49</sup> Cf.: Armero, José Mário, op. cit., p. 26.

<sup>50</sup> Cf.: Portela, Artur, op. cit., p. 181.

<sup>51</sup> Cf.: Idem, pp. 191-198.

<sup>52</sup> Cf.: Idem, p. 192; *Diário de Lisboa*, nº 4966, 13/09/1936, p. 1.

<sup>53</sup> Cf.: Idem, pp. 273-275.

<sup>54</sup> Cf.: Idem, p. 138.

<sup>55</sup> Idem, p. 139.

<sup>56</sup> Cf.: Augusto, José, op. cit., p. 50.